

## Remodelar para ter uma equipa mais coesa

O passado sábado 13 de Outubro foi o dia da aprovação do Orçamento do Estado para 2019, e foi também o último dia de quatro ministros enquanto tal. No dia seguinte, um domingo, Defesa, Saúde, Cultura e Economia, conheceram novos ministros, respectivamente João Gomes Cravinho, Marta Temido, Graça Fonseca e Siza Vieira. O politólogo André Freire faz questão de distinguir as mudanças ministeriais. Enquanto a saída de Azeredo Lopes da Defesa na sequência dos desenvolvimentos do caso de Tancos foi feita por “obrigação”, e a ida de Siza Vieira suscita “preocupação”, as remodelações na Cultura e na Saúde “sinalizam vontade de afirmação eleitoral do PS e têm tradução estratégica porque são relevantes em termos eleitorais e emblemáticas para um Governo de esquerda”. Tendo em conta a proximidade de Graça Fonseca e Siza Vieira em relação ao primeiro-ministro, ou ainda a experiência de Gomes Cravinho nos governos socialistas de José Sócrates, estas alterações são também encaradas como uma forma de fechar o círculo em torno de António Costa com uma equipa mais coesa com vista ao ciclo eleitoral de 2019.

Na opinião de André Azevedo Alves, a razão essencial não é eleitoral mas decorre de “factores de desgaste no Governo”. O professor da Católica justifica tantas mudanças nesta fase porque se houvesse somente uma remodelação na Defesa acabava “por concentrar aí a discussão”. Assim, acaba por desviar a atenção mediática do agora ministro Gomes Cravinho. Já para o sociólogo Pedro Adão e Silva as modificações são o “sinal de que há uma expectativa de que Costa forme novo Governo” no próximo ano, doutra forma, por exemplo, alguém como Gomes Cravinho não abdicaria da carreira na UE. ■ DS

José Sena Goulão/Lusa



“

**A governação tem uma certa inclinação à esquerda e não podia ser diferente com esta solução política.**

**ANDRÉ FREIRE**  
Professor catedrático do ISCTE

**O não cumprimento, pelo menos integral, das regras europeias é uma opção do primeiro-ministro para mostrar autonomia face a Bruxelas.**

**ANDRÉ AZEVEDO ALVES**  
Professor da Universidade Católica

”

conquistar eleitores.

ç  
ã  
o  
t  
e

“

**Este orçamento é uma mercearia com produtos para todo o tipo de clientes.**

**JOSÉ ADELINO MALTEZ**  
Professor catedrático do ISCSP

m uma certa inclinação à esquerda e não podia ser diferente com esta solução política”, atira André Freire que vê o reafirmar do compromisso com Bruxelas como um “factor de equilíbrio”. “É um orçamento que gere dependências”, remata Maltez.

No primeiro orçamento desde que Centeno chegou à chefia do Eurogrupo, o que leva então um Governo zeloso da relação com Bruxelas a desrespeitar determinações da Comissão? “O não cumprimento, pelo menos integral, das re-

gras europeias é uma opção do primeiro-ministro para mostrar autonomia face a Bruxelas”, enquadra o professor da Católica. “Nem hostiliza a esquerda nem aponta claramente ao centro”, o que alarga a sua base de apoio, sublinha Azevedo Alves. E é também uma forma de o PS se distinguir do PSD. Ou, como refere Adão e Silva, Costa utiliza toda a margem de manobra para se “diferenciar, em simultâneo, da esquerda e do centro-direita”.

Será isso que explica que depois da indisponibilidade do Governo

para aumentar a função pública, o PS tenha anunciado essas mesmas subidas salariais. O PS “apoderouse” ainda da autoria da proposta dos passes sociais em Lisboa e Porto.

O OE/19 é simpático para boa parte do eleitorado e mantém contas públicas equilibradas, aproximando o PS do objectivo principal para 2019: vencer as eleições. É que para ver a sua legitimidade eleitoral reforçada, Costa nem precisa da maioria absoluta, basta-lhe não voltar a ficar em segundo lugar, ironiza Adelino Maltez. ■